

A MANUTENÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO INDÍGENA BRASILEIRO EM FACE DA GLOBALIZAÇÃO¹

THE MANTAINENCE OF THE BRAZIALIAN INDIAN COMMUNITY CULTURAL IDENTITY IN VIEW OF GLOBALIZATION

ANA PAULA MORATORI FERREIRA²

Resumo: Neste ensaio é analisado o comportamento dos índios brasileiros através das observações feitas em documentário sobre o primeiro Campeonato Nacional de Futebol de Nações Indígenas, realizado em 2007, na cidade de Juiz de Fora (MG). Nesta análise foi possível fazer algumas colocações sobre as influências da globalização nestas comunidades bem como identificar a manutenção da identidade essencial indígena. O estudo traz alguns levantamentos sobre a formação da identidade cultural e as influências globalizadoras e é finalizado com a análise do documentário.

Palavras-Chave: Identidade Cultural, Globalização, Etnia Indígena

Abstract: This paper analyses the behavior of Brazilian Indians through observations made from a documentary about the first National Soccer Championship of Indian Nations, which took place in the city of Juiz de Fora (MG), in 2007. In this analysis was possible to make a few comments about the influence of globalization in these communities as well as to identify the maintenance of the essential Indian identity. The study brings some surveys about the formation of the cultural identity and the global influences and it is concluded with the analysis of the documentary.

Key words: Cultural Identity, Globalization, Indian Ethnic

Introdução

O estereótipo do índio brasileiro é retratado através de algumas características básicas como a nudez, a pintura no corpo, a moradia feita de folhas, a rede utilizada como local de descanso, a pesca e a caça como atividades básicas de sobrevivência, os rituais de dança, a crença em deuses específicos como Tupã, dentre outros. Tais rotulações são definidas por Trinta (2008) como algo que se aplica à percepção do comportamento humano e à caracterização de identidades. Essas imagens mentais que habitam o imaginário coletivo são possíveis graças às tradições que um grupo desenvolve ao longo de sua trajetória e que se tornam conhecidas e divulgadas.

¹ Ensaio desenvolvido sob o contexto da disciplina Comunicação, Identidades e Práticas Socioculturais, no Mestrado em Comunicação do PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora.

² Coordenadora e professora do Curso Superior em Eventos da Faculdade Machado Sobrinho, Juiz de Fora (MG). Mestranda do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFJF. Especialista em Gestão Empresarial pela Faculdade Machado Sobrinho. Graduada em Comunicação Social pela UFJF. E-mail: apmoratori@hotmail.com.

Sem uma tradição, uma coletividade pode viver ordenadamente, mas não tem consciência do seu estilo de vida. E ter consciência é poder ser socializado, isto é, é se situar diante de uma lógica de inclusões necessárias e exclusões fundamentais, num exaustivo e muitas vezes dramático diálogo entre o que nós somos (ou queremos ser) e aquilo que os outros são e, logicamente, nós não devemos ser.” (DA MATTA, 1997, pg. 48).

No entanto, com as mudanças trazidas pela globalização, o índio puro e sem influências, visto e revisto nos livros e nas histórias, modifica-se, modernizando-se. Em uma de suas colocações, Hall (1999) comenta que mesmo pessoas que vivem em aldeias pequenas e aparentemente remotas podem receber hoje as mensagens e imagens das culturas ricas, consumistas, do Ocidente, fornecidas através de aparelhos de TV ou de rádios portáteis, que as prendem à “aldeia global” das novas redes de comunicação.

Sabendo disso, não se faz mais possível uma percepção original do estereótipo indígena de forma pura e intocada. Esta identidade se modernizou, na fala de Santaella (2010), aculturou-se. Absorveu elementos culturais difundidos pelo “homem branco”. Mas será que a absorção cultural elimina as tradições formadoras da identidade original indígena? Com base neste questionamento surge a pergunta-problema deste estudo:

Os indígenas brasileiros conseguem manter sua identidade étnico-cultural mesmo sofrendo os impactos da globalização?

Colocada a questão, o objetivo deste trabalho é o de demonstrar se as comunidades indígenas deixam ou não de lado suas tradições e características culturais ao serem expostas à dinâmica da globalização.

O levantamento de dados se deu por meio dos seguintes procedimentos: revisão da literatura e análise do documentário sobre o primeiro Campeonato Nacional de Futebol de Nações Indígenas, realizado em Juiz de Fora, Minas Gerais, em abril de 2007, através de uma iniciativa do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mais de 500 índios de 23 etnias diferentes participaram da atividade.

Este estudo está dividido em três capítulos. O primeiro aborda a formação da identidade cultural. O capítulo seguinte trata de alguns aspectos da globalização. No item

três, é feita uma breve análise do documentário sobre o primeiro Campeonato Nacional de Futebol de Nações Indígenas para identificar os pontos de influência cultural e manutenção da identidade original. Na conclusão é retomada a pergunta-problema, sendo destacadas as constatações efetuadas ao longo do estudo.

1. Identidade Cultural

Em seus estudos sobre antropologia social, Da Matta (1997) explica que os animais irracionais ou “animais sociais”, como prefere chamar pela capacidade que os mesmos possuem de viver de forma organizada, são os únicos seres que não possuem cultura. No caso do homem, cada sociedade traz consigo uma tradição cultural que pode ser reificada no tempo e no espaço, sobrevivendo à sociedade que se atualiza. Santaella (2010) complementa, afirmando que a definição de cultura inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças modos padronizados de conduta. Tais elementos diferenciam um grupo de outro, dando a estes uma identidade.

A identidade é uma construção que se narra. Estabelecem-se acontecimentos fundadores, quase sempre relacionados à apropriação de um território por um povo ou à independência obtida através do enfrentamento dos estrangeiros. Vão se somando façanhas em que os habitantes defendem-se, ordenam seus conflitos e estabelecem os modos legítimos de convivência, a fim de se diferenciarem dos outros. (CANCLINI 1999, pg. 163).

Tais diferenciações fazem com que ao imaginar o índio brasileiro e o índio americano, o indivíduo forme mentalmente duas imagens completamente diferentes. Da mesma forma que descrever um culto religioso tribal e um culto religioso católico, o narrador precise utilizar de diferentes caracterizações.

No Brasil, segundo Canclini (2007), o sujeito conserva para si a possibilidade de várias filiações e pode circular entre identidades e misturá-las. O que não acontece em países como os Estados Unidos, onde as identidades são geralmente unidades autônomas, dificultando a negociação de um indivíduo com o pertencimento a mais de uma. Este fato permite que um grupo adquira hábitos de outro grupo e vice-versa. “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do

bombardeamento e da infiltração cultural”. (HALL, 1999, pg. 74). A adaptação e novas escolhas das identidades modificam-se juntamente com as mudanças sociais, políticas e econômicas.

Trinta (2008) em seu texto sobre a influência da televisão nas formações identitárias brasileiras diz que a *experiência identitária* conhecerá sensíveis transformações com o advento da *globalização*. Tal fenômeno vem rompendo barreiras culturais, flexibilizando sujeitos e remodelando as identidades que se moldam dinâmicas e no contexto de seus diversos tempos.

2. Globalização e Interconectividade

Não se sabe ao certo quando exatamente teve início o processo de globalização. Canclini (2007) afirma que alguns autores a localizam no século XVI, no início da expansão capitalista e da modernidade ocidental enquanto outros datam a origem em meados do século XX, quando as inovações tecnológicas e comunicacionais articulam os mercados em escala mundial.

Mas o que seria de fato este fenômeno que hoje é processo natural e constante, com mais ou menos intensidade, em todas as civilizações? Hall (1999) cita o autor Anthony McGrew³ em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, explicando que a globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realizada experiência, mais interconectado.

Tal acontecimento, possível através das tecnologias, especialmente as de comunicação, fazem constante o compartilhamento de informações das mais diversas por grupos distintos em sua identidade, distantes em seu território e próximos no seu tempo. As barreiras espaciais se rompem, possibilitando uma mistura cultural, um empréstimo de identidades e despertando ainda o desejo do “ter” face às ofertas consumistas oferecidas em escala global.

As experiências de tempo e espaço movediços e polimorfos, as incertezas políticas, as mestiçagens étnicas, o nomadismo do desejo, os hibridismos culturais, os descentramentos da identidade produzidos pelas sombras do

³ MCGREW; Anthony G.; LEWIS, Paul. Global Politics: Globalization and the Nation-state. Editora Wiley: 1992.

outro estão de tal modo entranhados na constituição da nossa cultura que pouca ebulição os debates pós-modernos estavam fadados a produzir em nós. Pós-modernos já éramos. (SANTAELLA, 2010, pg. 70).

E é nessa era globalizada que o indivíduo se permite, segundo Canclini (2007), relacionar-se com outras sociedades e situar sua fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo. Isto quer dizer que uma comunidade indígena, por exemplo, não mais ficará isolada em sua tribo vivendo apenas de suas tradições. O índio sai de sua aldeia e circula pelo espaço do homem branco, adotando alguns de seus costumes e levando para ele também algo de sua cultura.

3. A Identidade Cultural Indígena na Era Global

Segundo informações divulgadas pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de acordo com pesquisa do Censo 2010, há no Brasil hoje 817 mil índios, cerca de 0,4% da população brasileira. Essa população está distribuída em 688 terras indígenas e algumas áreas urbanas. O Brasil possui uma imensa diversidade étnica e linguística, estando entre as maiores do mundo. São cerca de 220 povos indígenas, mais de 80 grupos de índios isolados, sobre os quais ainda não há informações objetivas, 180 línguas, pelo menos, são faladas pelos membros destas sociedades, que pertencem a mais de 30 famílias linguísticas diferentes.

Como essa população é reconhecida? No imaginário dos chamados homens-civilizados, muitas imagens criadas através das crenças disseminadas ao longo dos tempos formam a identidade mítica dos índios na qual eles são vistos como o “dono da terra”, “aquele que estava aqui antes de todos chegarem”, um amigo da natureza de pele marrom, pinturas no corpo quase nu e cocar na cabeça.

Tal imagem foi desmitificada e a população envolvida no primeiro Campeonato Nacional de Futebol de Nações Indígenas, acontecido em 2007 na cidade de Juiz de Fora, surpreendeu-se ao ver esses mesmos índios vestindo uniformes e chuteiras e utilizando câmeras de fotografia e telefone celular.

Qualquer grupo social humano elabora e constitui um universo completo de conhecimentos integrados, com fortes ligações com o meio em que vive e se desenvolve. Entendendo cultura como o conjunto de respostas que uma determinada sociedade humana dá às experiências por ela vividas e aos desafios que encontra ao longo do tempo, percebe-se o

quanto as diferentes culturas são dinâmicas e estão em contínuo processo de transformação. No entanto, é importante frisar que as variadas culturas das sociedades indígenas modificam-se constantemente e reelaboram-se com o passar do tempo, como a cultura de qualquer outra sociedade humana. (FUNAI, 2013).

As mudanças ocorridas, no entanto, não fazem com que os indígenas percam a sua identidade étnico-cultural e deixem de ser indígenas. Prova disso é o comportamento dos índios que participaram do Campeonato de Futebol mencionado nesse estudo. Em documentário produzido pela Produtora de Mídias da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, é possível visualizar diversas situações em que mesmo com forte influência da sociedade de consumo os índios mantêm diversas tradições como a pintura dos rostos, o uso de acessórios típicos, as orações feitas a divindades como o deus Tupã, os rituais de dança, dentre outros.

Alguns teóricos culturais argumentam que a tendência em direção a uma maior interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes e está produzindo aquela fragmentação de códigos culturais, aquela multiplicidade de estilos, aquela ênfase no efêmero, no flutuante, no impenetrante e na diferença e no pluralismo cultural. (HALL, 1999, pg.73).

Outro ponto percebido no documentário foi a influência midiática, em especial da televisão, na formação das opiniões e preferências expressas pelos índios. Ao serem questionados sobre seus ídolos do futebol muitos responderam admirar celebridades como os jogadores Ronaldinho Gaúcho, Cacá e o técnico Felipão. Segundo Trinta (2008) esse processo de identificação com personalidades está diretamente ligado ao grau em que determinado público se deixa influenciar. Alguns indígenas expressaram inclusive a vontade de ser famosos como os craques internacionais. Outra situação interessante foi perceber o encantamento dos indígenas pelo produto Gelol, utilizado em grande quantidade durante as partidas.

Os índios do século XXI são pós-modernos, mas ainda são índios e se não o fossem precisariam se livrar desta definição que está intimamente ligada à identidade intrínseca trazida por este tipo de sociedade desde o início de sua formação.

4. Considerações finais

Pôde ser percebido neste estudo que a identidade étnico-cultural do indígena brasileiro foi preservada mesmo em face de todos os processos de globalização vigentes na contemporaneidade. Os índios abriram suas fronteiras para a penetração da modernidade e aderiram a novas formas de comunicação e vivência. No entanto, as tradições mantenedoras de sua identidade essencial prevalecem, preservando seus valores como membros de uma sociedade com características próprias.

Esse processo é notório em todos os tipos de sociedade. Não se faz mais possível hoje viver excluído, sem a menor das influências globalizadoras da era pós-moderna. No entanto, a manutenção da essência identitária é naturalmente defendida pelos cidadãos “globo locais”, uma forma de ser e ter uma referência orientadora e organizada que os tragam de volta sempre que seu “Eu” se perder em meio ao emaranhado de identidades nas quais eles passam a ser aptos a visitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAMATTA. **Relativizando**: Uma Introdução à Antropologia Social. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **A Globalização Imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

ÍNDIOS do Brasil. Conteúdo extraído do site da **Fundação Nacional do Índio**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/portal/>> Acesso em 30 mar. 2013.

TRINTA, Aluizio Ramos. **Televisão e formações identitárias no Brasil**. In: LANNI, Cláudia Regina; PINHEIRO, Marta de Araújo (Org). *Sociedade e Comunicação: Perspectivas Contemporâneas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. Cap. 2, p.31 – 50.

PRIMEIRO Campeonato Nacional de Futebol de Nações Indígenas. Documentário. Juiz de Fora: **Multimeios Produtora**, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2010.